

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

**EXPORTAÇÕES CATARINENSES E O IMPACTO
DA VARIAÇÃO CAMBIAL**

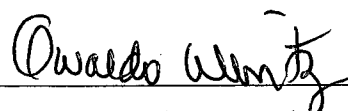
FABIANE DA SILVA

Florianópolis, agosto de 2000

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

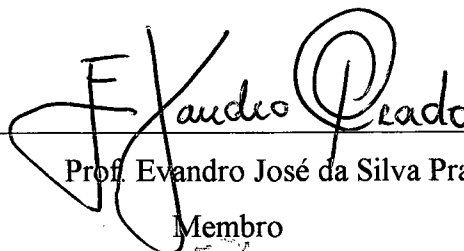
A Banca Examinadora resolveu atribuir a nota 9,00 à aluna Fabiane da Silva na disciplina CNM 5420 – Monografia, pela apresentação deste trabalho.

Banca Examinadora:



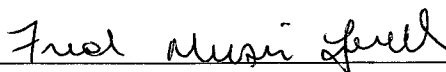
Prof. Osvaldo G. Moritz

Presidente



Prof. Evandro José da Silva Prado

Membro



Frederick Mussi Goeldner

Membro

“Só uma coisa torna um sonho impossível: o medo de fracassar.”

Paulo Coelho

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares e amigos, que nos momentos difíceis não faltaram com sua compreensão e incentivo.

Ao professor Osvaldo Goeldner Moritz, pela atenciosa e dedicada atenção.

A Daniela de Fátima da Silva, que como colega e irmã, muito colaborou para a finalização de mais esta etapa de minha vida.

SUMÁRIO

- LISTA DE ANEXOS	VII
- LISTA DE FIGURAS	VIII
- LISTA DE TABELAS	IX
- LISTA DE QUADROS	X
- RESUMO	XI

CAPÍTULO I

1. INTRODUÇÃO

1.1. A Problemática Geral.....	1
1.2. Objetivos.....	2
1.2.1. Objetivo Geral.....	2
1.2.2. Objetivos Específicos.....	3
1.3. Metodologia.....	3

CAPÍTULO II

2. REVISÃO TEÓRICA.....	5
2.1. Referencial Histórico do Comércio Internacional.....	5
2.2. Desenvolvimento das Teorias do Comércio Internacional.....	7
2.3. Exportações.....	11
2.4. Taxa de Câmbio.....	13

CAPÍTULO III

3. POLÍTICAS CAMBIAIS ADOTADAS DURANTE A DÉCADA DE 90.....	16
3.1. Implantação de taxas de câmbio flutuantes.....	16
3.2. O fim das taxas administradas.....	17
3.3. Ascensão Inflacionária e Apreciação Cambial.....	18
3.4. Bandas Cambiais.....	18
3.5. Câmbio Livre.....	20

CAPÍTULO IV

4. EXPORTAÇÕES CATARINENSES E O IMPACTO DAS POLÍTICAS

CAMBIAIS	21
4.1. Avaliação das Exportações Correlacionadas com a Política Cambial.....	22
4.1.1. Análise das exportações no período de dezembro/88 a setembro/91.....	23
4.1.2. Análise das exportações no período de outubro/91 a junho/94.....	24
4.1.3. Análise das exportações no período de julho/94 a dezembro/98.....	27
4.1.4. Análise das exportações no período de janeiro/99 a dezembro/99.....	30

CAPÍTULO V

5. CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES	33
5.1. Conclusões	33
5.2. Recomendações.....	35
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 36
 ANEXOS	 39

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1. Exportações de Santa Catarina e do Brasil.....	40
ANEXO 2. Exportações Catarinenses Trimestrais/Valor em US\$-FOB.....	43
ANEXO 3. Cálculo da Taxa Real de Câmbio.....	44
ANEXO 4. Taxa Real de Câmbio – Trimestral.....	47

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 2.1. Curva de Possibilidade de Produção.....	8
FIGURA 2.2. Curva de Indiferença.....	9
FIGURA 2.3. Equilíbrio Econômico de uma Nação antes do Comércio Exterior e após o estabelecimento do mesmo.....	11

LISTA DE TABELAS

TABELA 3.1. Balança Comercial.....18

TABELA 3.2. Mudanças nas Bandas.....19

LISTA DE QUADROS

QUADRO 2.1. Fatores Determinantes da Competitividade.....	13
--	-----------

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo demonstrar como as exportações podem responder as variações nas políticas cambiais. Para o cumprimento deste, buscou-se primeiramente fazer uma revisão teórica do comércio internacional, das exportações e da taxa de câmbio.

Tomando como base, as principais alterações cambiais ocorridas na década de noventa, procedeu-se a correlação entre estas e as exportações de quatro produtos catarinenses que tiveram grande destaque em relação as exportações. São estes: motocompressores; pedaços e miudezas de galos/galinhas; carnes de galos/galinhas inteiros e roupas de toucador.

Os resultados alcançados, mostraram que as variações na taxa de câmbio, não tiveram muita relevância nas reduções ou aumentos das exportações destes produtos. A correlação entre as variáveis taxas reais de câmbio e exportações, foram de fraca intensidade. O principal fator responsável, entre tantos outros, por este resultado é o fato de os produtos motocompressores, pedaços e miudezas de galos/galinhas e roupas de toucador tratarem-se de produtos com maior valor agregado e com características diferenciadas. No caso do produto carnes de galos/galinhas inteiros, por tratar-se de um commodity e, conseqüentemente ter seu preço determinado pelo mercado internacional.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

A Banca Examinadora resolveu atribuir a nota 9,00 à aluna Fabiane da Silva na disciplina CNM 5420 – Monografia, pela apresentação deste trabalho.

Banca Examinadora:

Prof. Osvaldo G. Moritz
Presidente

Prof. Evandro José da Silva Prado
Membro

Frederick Mussi Goeldner
Membro

CAPÍTULO I

1. INTRODUÇÃO

1.1. A Problemática Geral

A globalização da economia mundial expressa um novo ciclo da expansão do capitalismo. É condição *sine qua non* a adaptação dos países a esta nova era, se existe a pretensão de crescimento econômico.

Acompanhar as condições para qual caminha a economia globalizada requer das empresas a busca por vantagens comparativas. Alcançar ganhos de competitividade em nível mundial vai exigir novas medidas não só das empresas mas também do governo. Portanto, competir com mercados internacionais, promovendo as exportações dependerá de medidas microeconômicas e macroeconômicas.

A questão do preço, da qualidade do produto, da diferenciação do produto, etc., dependerá do empresário. Existem questões que são alheias as decisões dos empresários, que são as medidas macroeconômicas, como a taxa de juros, a taxa de câmbio, o comportamento do mercado internacional, etc. Dar-se-á ênfase neste trabalho as variações na taxa cambial ocorridas durante a década de 1990.

A taxa de câmbio representa uma variável importante na competitividade externa. A sobrevalorização da moeda interna inibe as exportações e favorece as importações, cabe as autoridades monetárias, promover políticas cambiais para o controle do fluxo de capitais e mercadorias visando um equilíbrio na balança de pagamentos.

O controle do câmbio é definida por Labatut (1994, p. 123) como uma barreira comercial direta às exportações, “essa designação é dada a um conjunto de dificuldades ou obstáculos em que esbarram as operações de exportação, objeto do comércio internacional.”

Dados da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico e Integração ao Mercosul (1998, p. 12, doravante citada como SEDEIM), mostram que o Estado de Santa Catarina tem no comércio exterior uma grande fonte de riqueza. Durante a década de 90 chegou a ser o 5º Estado no ranking das vendas externas, acumulando um montante de US\$ 2,8 bilhões em 1997, representando 5,3% do total das exportações do Brasil, perdendo para os Estados do Paraná, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e São Paulo. Entre os principais produtos exportados estão: motocompressores; pedaços e miudezas de galos/galinhas; carnes de galos/galinhas inteiros e roupas de toucador. Este Estado caracteriza-se por exportar produtos de maior valor agregado, o que faz com que reduza a elasticidade preço da oferta destes produtos.

Como não poderia deixar de ser, as exportações de Santa Catarina também sofrem influências em decorrência das variações cambiais. Após a implantação do Plano Real, em 1994, houve uma diminuição no crescimento das vendas externas. Em 1993 o crescimento das exportações somavam 22,81%, caindo no ano seguinte para 9,4%, em 1995 para 10,29%, chegando a ficar negativo no ano 1996 em -0,55%, em 1997 o crescimento foi de 6,39%, em 1998 foi de -7,27% e em 1999 foi de -1,32% (Secretaria de Comércio Exterior, 2000).

Com base na contextualização já exposta, analisaremos o comércio exportador catarinense, a partir de 1992, e os determinantes da competitividade, dando ênfase as variações cambiais ocorridas neste período, correlacionando as exportações dos quatro produtos citados acima, a estas variações cambiais.

1.2 – Objetivos

1.2.1 – Objetivo Geral

Analisar os quatro produtos catarinenses mais exportados a partir de 1992 e os impactos sofridos por estes - ganhos/perdas de competitividade - , em decorrência das variações cambiais ocorridas neste período.

1.2.2 – Objetivos Específicos

- Proceder uma revisão teórica sobre o comércio exterior; as exportações e sobre taxa de câmbio.
- Abordar as políticas cambiais ocorridas na década de 90.
- Analisar as exportações de Santa Catarina, a partir de 1992 e avaliar o impacto das variações cambiais nestas exportações, tendo por base o comércio internacional dos seguintes produtos: motocompressores; pedaços e miudezas de galos/galinhas; carnes de galos/galinhas inteiros e roupas de toucador.

1.3 - Metodologia

O principal método adotado é do tipo descritivo, explicativo e avaliativo, embasado em fontes secundárias, figuras e tabelas.

Os dados estatísticos são apresentados mensal, trimestral e anualmente e, analisados nos períodos onde verifica-se maior destaque, quanto a variação de dados numéricos e quanto a alterações de políticas econômicas (cambiais/comércio exterior).

O referencial bibliográfico destes dados é a Revista Conjuntura Econômica; o DIEESE; a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico e Integração ao Mercosul; a Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina, o Banco Central do Brasil e Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio – Secretaria de Comércio Exterior.

Os produtos selecionados para este estudo são: motocompressores; pedaços e miudezas de galos/galinhas; carnes de galos/galinhas inteiros e roupas de toucador, trabalhados a partir de 1992.

O trabalho está organizado como segue:

O capítulo II é composto pela revisão teórica do comércio internacional, onde faz-se referência à acontecimentos históricos que marcaram o comércio entre as nações;

relata-se as principais teorias desenvolvidas sobre este assunto; trata-se das exportações e da taxa de câmbio.

O capítulo III descreve as políticas cambiais adotadas pelo governo brasileiro, durante a década de 90. Estas são divididas e analisadas em cinco fases, onde se verificou maior expressividade de tais políticas.

O quarto capítulo é dedicado à análise da competitividade das exportações catarinenses, dando-se ênfase ao impacto das variações cambiais sobre as exportações.

Por fim, no quinto capítulo, são apresentadas as conclusões finais do trabalho e sugestões para futuras pesquisas.

CAPÍTULO II

2. REVISÃO TEÓRICA

2.1. Referencial Histórico do Comércio Internacional

A busca constante do homem em satisfazer suas necessidades é o que comanda a evolução da humanidade. Em épocas pré-históricas, a troca era o meio que as tribos usavam para ter acesso a produtos que necessitavam, estas trocas ocorriam entre habitantes de uma mesma tribo. Com a evolução do relacionamento humano, as cidades, nações e o mundo passaram a adotar a troca como meio de obtenção do que necessitavam.

Um breve relato dos acontecimentos históricos, baseado em Maia (1995), nos mostrará a evolução do comércio internacional.

Na Antigüidade, o comércio internacional era raro. No Egito, as exportações e importações limitavam-se apenas a artigos de luxo. A civilização mesopotâmica, surgida em épocas posteriores, intensifica um pouco mais este comércio, chegando a estabelecer postos comerciais fora do país, a fim de tornarem mais ativas as trocas e expedições para visitar países estrangeiros. Com a civilização fenícia, o comércio internacional teve um grande impulso, pois caracterizavam-se como grandes navegadores, o que permitiu que se transformassem em grandes comerciantes dominando o comércio marítimo de sua época. Na Grécia Antiga, a insuficiente produção de alimentos, exigia que a civilização comprasse esses produtos do exterior, pagando com azeite e vinho, que eram produzidos na região. Uma outra civilização importante no desenvolvimento do comércio internacional na antigüidade foi o Império Romano. Roma dominava o mundo, negociavam até com países distantes como China, Índia e Sudoeste Asiático, onde buscavam artigos de luxo, como pedras preciosas, ouro, seda e especiarias.

Na Idade Média, o regime econômico e social predominante na Europa era o feudalismo, caracterizado pelo enfraquecimento do poder do rei, e o fortalecimento do poder dos nobres. A economia foi totalmente baseada no corporativismo, haviam as corporações que

representavam as classes dos trabalhadores, que eram de grande influência. As cruzadas, que ocorreram neste período, intensificaram o comércio com o Oriente e os europeus tornaram-se grandes comerciantes. Surgiram grandes feiras internacionais, reunindo comerciantes de diversos países europeus. O surgimento destas feiras, levou ao aparecimento dos trocadores de moedas, que se transformaram nos primeiros banqueiros.

A expansão geográfica do mundo, levou, conseqüentemente, à expansão do comércio exterior. As caravanas foram substituídas por navios. Nesta era, chamada Era dos Descobrimentos, o comércio ficava muito lucrativo e como conseqüência, o comerciante passou a ganhar *status*. Aumentou a necessidade de dinheiro para comercialização e consumo de mercadorias, levando ao surgimento do Mercantilismo.

O Mercantilismo prevaleceu na Europa durante o início do século XVI ao final do século XVIII e foi a primeira doutrina a definir uma política comercial para os Estados Nacionais. A doutrina pregava que o Estado deveria ser forte, com controle político e econômico, deveria possuir um exército e uma armada que garantisse os transportes e protegesse as colônias. Os países europeus (Metrópoles) precisavam ter colônias, para sustentar as metrópoles, que visavam o máximo de fluxo de ouro e prata, pois acreditavam que sua retenção seria o meio mais adequado de acumulação de riquezas. Segundo Rima, apud Maia (1998, p.65) “os mercantilistas achavam que a riqueza das nações consistia no estoque de metais preciosos em poder do governo em vez de o povo ter abundância de bens para o consumo. Identificavam a moeda com riqueza”. Por este motivo, praticava-se uma política de incentivo as exportações e restrições as importações. Neste período, o Brasil foi vítima das invasões holandeses, francesas e inglesas. Os gastos com exércitos tornaram-se elevados, o que levou as Metrópoles a criarem o monopólio do comércio com as colônias. O Brasil, só teve seus portos abertos à outras nações quando D. João VI e sua corte vieram para este país.

No fim do século XVIII, na Europa, ocorreu a chamada I Revolução Industrial, surgiram máquinas mais eficientes, a produção industrial cresceu incentivando a migração de camponeses para as cidades. Nesta nova era conhecida como liberalismo, os empresários passaram a ter mais força política, sua principal característica era a não intervenção do Estado na economia. Este deveria preocupar-se com a preservação da justiça; a defesa nacional e realizar empreendimentos necessários, que não interessavam a iniciativa privada. Esta doutrina propôs ampla liberdade do comércio, buscando a especialização internacional e

facilitando o desenvolvimento da concorrência, permitindo a ampliação dos mercados. O primordial do agente econômico era o lucro.

2.2. Desenvolvimento das Teorias do Comércio Internacional

O grande impulsionador do liberalismo foi Adam Smith. Questionando o pensamento mercantilista, no qual o acúmulo de riquezas está relacionado ao movimento de troca das mercadorias, ou melhor, ao tempo de circulação das mercadorias, “quanto mais se açoda este processo mais se poderá apropriar dos diferenciais de preços conseguidos entre a produção (ou compra) e a venda de mercadorias” (Lemos, 1999, p. 6). Para Adam Smith, “a riqueza das nações é resultado do aumento da produtividade do trabalho. Esta, por sua vez, é consequência da divisão do trabalho. A divisão do trabalho, é o resultado da propensão da natureza humana de trocar, negociar e vender um produto em troca de outro. A divisão do trabalho, no entanto, é limitada pela extensão do mercado”. (Gonçalves, et all., 1998, p.12). Portanto, na concepção clássica de acúmulo de riquezas, este é gerado através da divisão do trabalho, que tem seus limites na extensão do mercado. Havendo comércio internacional, o mercado é ampliado, permitindo o aprofundamento da divisão do trabalho, que levaria à especialização, ao aumento da produção e à redução dos custos.

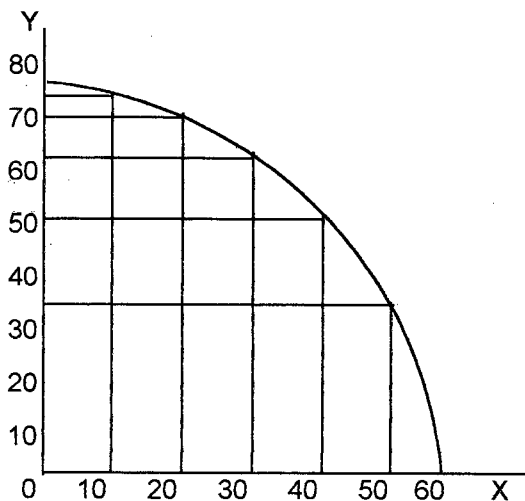
Os países vão procurar exportar as mercadorias que conseguem produzir com menor custo que outros e importar aquelas que o custo de produção é muito elevado. A formulação desta conclusão, exposta de forma sucinta, levou a chamada Teoria das Vantagens Absolutas. A Teoria das Vantagens Absolutas, por deixar de fora o fato de que alguns países podem não possuir vantagens absolutas para participar do comércio exterior, foi aprimorada por David Ricardo, incorporando o princípio de que cada país se especializará na produção dos bens que consegue fazer relativamente com menor custo e importará aqueles bens que os outros países tenham uma vantagem relativa na produção, esta teoria passou a chamar-se teoria das vantagens comparativas. De forma sintetizada, esta teoria consiste na especialização, por parte dos países, na exportação dos produtos que possuem vantagens comparativas. A aplicação desta teoria requer algumas limitações: o modelo pressupõe o comércio de dois países, com dois produtos, só existe um fator de produção, que é o trabalho, e que este é móvel no interior de um país, e imóvel em nível internacional; há diferentes tecnologias em diferentes países; a balança comercial está sempre equilibrada e o custo dos

transportes é igual a zero e há rendimentos constantes de escala (Gonçalves et al, 1998, p. 15-16). Essas limitações levam o modelo para fora da realidade mundial.

A formulação da teoria de Ricardo foi baseada em quantos homens/horas seria preciso para produzir determinada quantidade de mercadoria. John Stuart Mil, em sua Teoria da Demanda Recíproca, faz o inverso: “a base não é a unidade do produto, mas o que em x horas (mesmo n° de horas) dois países diferentes podem produzir” (Maia, 1998, p. 302). O comércio entre os países, será limitado pela quantidade que cada país poderá produzir, utilizando a mesma quantidade de homens/horas, ou seja, será condicionado aos “limites de possibilidade de troca”. O fator que realmente determinará a relação de troca entre países será a intensidade e a elasticidade da procura de cada país pelos produtos do outro país, ou da “procura recíproca” (Ellsworth, 1968, p. 74).

As teorias já expostas, limitam os insumos utilizados na produção, exclusivamente à mão-de-obra. Em 1930, Gottfried Von Haberler, introduziu, no estudo da Teoria do Comércio Exterior, as “Curvas de Possibilidade de Produção”. As curvas de possibilidade de produção nos mostram as possíveis combinações de produção de dois produtos, dado um conjunto de fatores e seu pleno emprego.

Figura 2.1: Curva de Possibilidade de Produção.



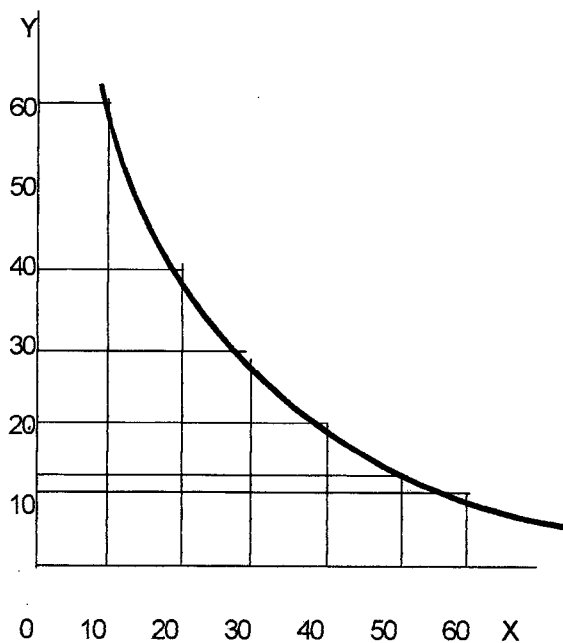
Fonte: ELLSWORTH, Paul Theodor. *Economia internacional, teoria e prática, desde o mercantilismo até a formação do mercado comum europeu*. 1.ed. São Paulo: Atlas, 1968. p. 88. Alterado pelo autor.

Note que, se empregarmos todos os recursos na produção de “x”, obteremos 60 unidades desse produto, e nenhuma unidade de “y”. Se liberarmos 10 unidades de “x”, para a produção de “y”, obteremos 35 unidades de “y”. Portanto, a medida que se libera recursos de “x”, aumenta a produção de “y”, ou vice-versa.

Do lado da demanda, podemos usar as curvas de indiferença para explicar o comportamento dos consumidores. Na curva de indiferença estão “representadas todas as combinações possíveis de vários produtos que para o consumidor têm a mesma escala de preferência” (Sandroni, 1989, p. 149).

Na figura abaixo, supomos que um consumidor é indiferente em adquirir uma ou outra mercadoria, ou seja, terá o mesmo grau de satisfação em adquirir “x” ou “y”, desde que as reduções das quantidades de “y” sejam compensadas por acréscimos de “x”.

Figura 2.2: Curva de Indiferença.



Fonte: ELLSWORTH, Paul Theodor. *Economia internacional, teoria e prática, desde o mercantilismo até a formação do mercado comum europeu*. 1ª ed. São Paulo: Atlas, 1968, p. 111. Alterado pelo autor.

Neste exemplo, o consumidor poderá optar por reduzir o consumo de “x” para 10 unidades, aumentando o consumo de “y” para 60 unidades, e terá o mesmo grau de satisfação que, se tivesse adquirido 50 unidades de “x” e 12 unidades de “y”.

Partindo da teoria neoclássica, onde o preço dos produtos é determinado pelo preço dos fatores de produção, Bertil Ohlin e Eli Heckscher, desenvolvem uma teoria onde mostram que, a exportação e importação das mercadorias vai depender da relativa abundância ou raridade dos diversos fatores de produção de cada país. “Segundo a teoria de Heckscher-Ohlin, a causa das diferenças de custos relativos reside na desigual distribuição de recursos (fatores) entre as nações, além do fato de os diversos produtos exigirem proporções diferentes de fatores de produção” (Ratti, 1994, p. 331). De forma, simplificada, pode-se concluir, que para estes teóricos, o comércio entre os países será a troca de mercadorias que incorporam fatores abundantes, por aquelas que incorporam fatores raros.

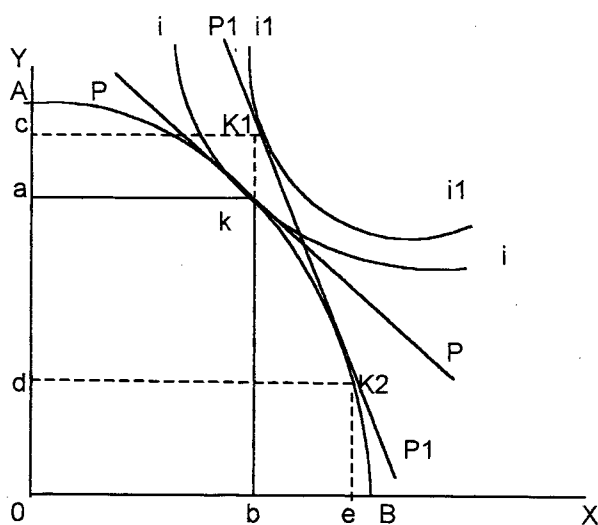
Krugman e Obstfeld (1991, p. 93), a partir das teorias já expostas, formam o Modelo Padrão de Comércio.

“O modelo padrão do comércio é construído sobre quatro relacionamentos-chave: (1) o relacionamento entre curva de possibilidade de produção e a curva da oferta relativa; (2) o relacionamento entre os preços relativos e a demanda; (3) a determinação do equilíbrio mundial pela oferta e demanda relativa mundial e (4) os efetivos dos termos de troca – os preços das exportações de um país dividido pelo preço das importações deste mesmo país – no bem estar da nação.”

Neste modelo, os autores destacam a demanda como limitador da produção.

A vantagem do comércio internacional pode ser observada através da figura 2.3, onde apresentamos o equilíbrio entre preço, consumo e produção de um país, antes do comércio internacional e após o comércio internacional:

Figura 2.3: Equilíbrio Econômico de uma Nação antes do Comércio Exterior e após o estabelecimento do mesmo.



Fonte: ELLSWORTH, Paul Theodor. *Economia internacional, teoria e prática, desde o mercantilismo até a formação do mercado comum europeu*. 1.ed. São Paulo: Atlas, 1968. p. 91. Alterado pelo autor.

Nesta figura, BA é a curva de possibilidade de produção de um determinado país. Sem comércio exterior, o país produz e consome no ponto K, onde a curva de possibilidade de produção é tangente a uma curva de indiferença (i) da população daquele país. PP representa a linha de preço desse país antes do comércio internacional. Ao participar do comércio internacional, a suposta linha de preço de X e Y, desloca-se para P1P1 (linha de preço internacional). Agora o país produz em K2 e consome em K1. O excedente da produção de X, representado no gráfico por b e, será exportado. A área d c representa a quantidade de Y que deve ser importado para cobrir a demanda por este bem.

A nova curva de indiferença, nos mostra que o país poderá oferecer um maior grau de satisfação aos consumidores, com os mesmos recursos disponíveis, aumentando a produção de um bem (X) e reduzindo a de outro (Y).

2.3. Exportações

As exportações são conceituadas, por Ratti (1994, p. 313) como sendo a remessa de bens ou serviços de uma região para outra. Podem ser internas, quando ocorrem

dentre de um mesmo país, ou externas, quando os bens ou serviços são enviados para fora do país. Podem ser com cobertura cambial, quando implica um pagamento a ser efetuado pelo importador estrangeiro, ou sem cobertura cambial, quando não acarretar um pagamento por parte do importador estrangeiro, como por exemplo, donativos, bagagens de passageiros, etc.

Importa tratar neste trabalho, a remessa de bens para fora do país e com cobertura cambial. Portanto, usaremos um conceito de exportação mais apropriado para este: “Vendas no estrangeiro, de bens e serviços de um país. Resulta, como a importação, da divisão internacional do trabalho, pela qual os países tendem a se especializar na produção dos bens para os quais têm maior disponibilidade de fatores produtivos, garantindo um excedente exportável”, (Sandroni, 1989, p. 117).

São vários os motivos que levam um país a exportar, dentre eles, podemos destacar: a necessidade de gerar divisas para comprar os produtos que não são produzidos internamente; o lucro nas vendas externas; para se precaver de oscilações no mercado interno; aumento de prestígio do produtor; etc. Diante destes motivos, o desafio do produtor é colocar seu produto no mercado externo e, para isso, precisa enfrentar a concorrência.

Concorrer em nível internacional, requer das empresas ou mercados, algumas características competitivas que trarão vantagens aos importadores.

Dentre as decisões que os empresários podem tomar para tornarem mais competitivos seus produtos ou serviços, podemos destacar, o preço e a qualidade do produto. Porém, as decisões para tornar competitivo um determinado bem ou serviço, não dependem somente do empresário, fatores macroeconômicos como a taxa real de câmbio e a taxa de juros, vão influenciar na competitividade do mercado.

Araújo Jr. (1996, p. 81) define competitividade internacional como sendo:

“Uma economia é competitiva na produção de uma determinada mercadoria quando consegue pelo menos igualar os padrões de eficiência vigentes no resto do mundo quanto à utilização de recursos e à qualidade do bem. Tal capacidade é, em princípio, transitória, posto que resulta de fatores mutáveis que operam no âmbito da firma (instalações, organização do processo de trabalho, investimentos em pesquisa, estratégia de crescimento, etc.), do setor industrial (grau de concentração requerido pelas tecnologias vigentes, possibilidades de economias de escopo, padrões de concorrência, etc.) e da economia (formato da estrutura industrial, dimensão do mercado consumidor, estilo de inserção internacional, etc.).”

Coutinho e Ferraz (1994, p. 19) coordenam um trabalho de um grupo de pesquisadores do IEI/UFRJ e IEI/UNICAMP, que tratam de forma mais complexa os fatores determinantes da competitividade. Dividem estes fatores em empresariais, estruturais e sistêmicos, conforme observa-se no quadro 2.1:

Quadro 2.1: Fatores Determinantes da Competitividade

FATORES EMPRESARIAIS	FATORES ESTRUTURAIS	FATORES SISTÊMICOS
Estratégia e Gestão	Características do Mercado	Macroeconômicos
Capacitação para Inovações	Concorrência	Internacionais
Capacitação Produtivo		Sociais
Recursos Humanos		Tecnológicos
		Infra-estrutura
		Fiscais e Financeiros
		Político-institucionais

Fonte: COUTINHO, Luciano, FERRAZ, João C. *Estudo da competitividade da indústria brasileira*. 2.ed. São Paulo: Papyrus/UNICAMP, 1994. p. 19.

Os fatores empresariais, estão relacionados às decisões das empresas. Os fatores estruturais estão relacionados ao ambiente competitivo que esta empresa enfrenta. E, os fatores sistêmicos são os fatores externos, sob os quais a empresa não pode intervir.

Neste trabalho, buscar-se-á explicar a perda ou ganho de competitividade dos produtos exportados em Santa Catarina, utilizando o fator taxa de câmbio como condicionante da competitividade.

2.4. Taxa de Câmbio

O fato de cada nação possuir sua própria moeda, é uma das características que distingue o mercado externo do mercado interno. Os preços dos produtos são expressos nas moedas de cada país. E, quando esses produtos são exportados, devem ser pagos com a moeda

daquele país que efetuou a venda. Portanto, é necessário a existência de um mercado cambial para efetivação desta troca.

Ao “preço de uma moeda estrangeira em relação à moeda nacional”, dá-se o nome de Taxa de Câmbio (Guidolin, 1991, p. 91).

As taxas de câmbio podem ser fixas ou flutuantes. As taxas de câmbio fixas são determinados pelas autoridades monetárias de cada país, que fixam um preço para negociar suas moedas em relação ao dólar. Neste sistema, os bancos centrais têm que financiar déficits ou superávits de balanços de pagamentos que surjam à taxa de câmbio oficial. É necessário que os bancos centrais comprem ou vendam a quantidade de moeda que não é ofertada nas transações, para poder manter o preço fixo.

Em um sistema de taxas de câmbio flutuantes, os bancos centrais, vão permitir que a taxa de câmbio se ajuste em relação a oferta e a demanda por moeda estrangeira. As taxas flutuantes quando sofrem intervenção por parte dos bancos centrais são chamadas taxas flutuantes sujas, cujo objetivo é influenciar o valor das taxas de câmbio. Quando não sofrem intervenção alguma são chamadas de taxas flutuantes limpas. Em um sistema de flutuação limpa a taxa de câmbio ajusta-se zerando o balanço de pagamentos.

A intervenção, por parte das autoridades monetárias, servi como controlador da importação e exportação de bens e serviços, pois uma valorização da moeda interna aumenta o poder de compra por bens ou serviços importados, e, ao contrário, uma desvalorização da moeda interna, reduz o poder de compra.

Para Dornbusch e Fischer (1991, p. 213), a competitividade expressa através da taxa de câmbio, é explicada a partir da seguinte fórmula:

$$\text{Taxa real de câmbio} = R = \frac{ePf}{P}$$

Onde e representa a taxa de câmbio nominal, ou seja, o preço em dólar da moeda estrangeira; Pf representa o nível de preço no exterior e P representa o nível de preços internos.

“A taxa de câmbio real mede a competitividade de um país no comércio internacional. Ela é dada pela razão dos preços dos bens estrangeiros, medidos em dólares, em relação aos preços dos bens domésticos” (Dornbusch e Fischer, 1991, p. 213).

A partir desta fórmula, podemos deduzir que um aumento na taxa de câmbio real ou uma depreciação real, significa que os preços dos bens estrangeiros em dólares tem aumentado em relação ao preço dos bens internos. E, como consequência deste aumento, a demanda, tanto interna, quanto externa, irá deslocar-se para este mercado, onde o preço interno é menor que o externo. A balança comercial deste país terá um crescimento positivo.

Diante deste referencial teórico, será possível analisar os ganhos ou perdas de competitividade das exportações catarinenses, relacionadas a taxa de câmbio.

CAPÍTULO III

3. POLÍTICAS CAMBIAIS ADOTADAS DURANTE A DÉCADA DE 90.

Neste capítulo será elaborado um breve relato dos acontecimentos que marcaram a economia brasileira, no que se refere à políticas cambiais, durante a década de 90.

Para estudar sobre este assunto, dividiu-se o capítulo em cinco fases, que representam os períodos onde verifica-se as alterações cambiais de mais destaque. O ano de 1990 inicia com uma política cambial adotada em 1988, que vigorou até 17 de março daquele ano, a primeira fase deste trabalho diz respeito a este período; de 18 de março de 1990 a setembro de 1991 tem-se uma segunda fase; de outubro de 1991 a junho de 1994, uma terceira; de julho de 1994 a janeiro de 1999 uma quarta e, finalmente de janeiro de 1999 tem-se início a quinta e última fase.

3.1. Implantação de taxas de câmbio flutuantes.

Durante muitos anos, às taxas cambiais do Brasil, foram fixadas pelo Banco Central. Levava-se em consideração, para determinação dessas taxas, a inflação brasileira e em alguns países selecionados, o interesse em exportar ou importar e o quanto iria afetar os níveis de preços internos, entre outras considerações (Ratti, 1997, p. 278).

Com a Resolução nº 1552, do Banco Central do Brasil, de 22/12/88, deu-se o primeiro passo para a liberalização das taxas cambiais. O Banco Central deixa de intervir em algumas operações de câmbio, como serviços turísticos, cartões de créditos internacionais, câmbio manual, cursos, encomendas internacionais, entre outros. O objetivo central de liberar o câmbio para certas negociações, ou melhor, da criação de um mercado cambial de taxas flutuantes, conhecido também, como câmbio turismo, era tentar reduzir a importância do mercado negro de câmbio.

Esta política cambial perdurou até 18/03/90. Portanto, a década de 90 inicia com uma política cambial de taxas flutuantes para algumas operações cambiais selecionadas, com taxas administradas pelo Banco Central e com o mercado paralelo (negro).

Este período é caracterizado por forte apreciação cambial, ou seja, por desvalorização da moeda nacional, associada a aceleração da inflação.

Várias foram as medidas econômicas para tentar combater à inflação, porém sem obtenção de êxito. Nem as minidesvalorizações diárias do câmbio conseguiram acompanhar o crescimento inflacionário.

3.2. O fim das taxas administradas

Em 18/03/90, durante o Governo Collor, com a Resolução nº 1.690 as operações relacionadas com as exportações e importações de mercadorias, fretes e seguros, comissões de agentes, empréstimos, financiamentos, amortizações, juros, lucros, royalties, entre outras, passaram a ser conduzidas pelo mercado de taxas livres, conforme a oferta e demanda, desaparecendo, neste momento, o mercado de taxas administradas. Portanto, neste período, prevalece o mercado de taxas flutuantes, mercado de taxas livres, denominado também, câmbio comercial e o mercado paralelo.

Esta livre mobilidade concedida as taxas de câmbio, sofrem intervenção por parte do Banco Central, quando este julgar conveniente intervir, comprando ou vendendo moeda, até ajustar as reservas aos seus interesses.

Neste período, novas regras na área cambial fixam metas para as reservas cambiais, em compatibilidade não mais com a inflação interna, mas sim, com a base monetária. Esta política levou a uma forte valorização da moeda nacional, forçando o Banco Central a intervir no mercado, comprando divisas para forçar a desvalorização da moeda nacional.

Os meses em que se observa maior desvalorização da moeda nacional é entre outubro a dezembro de 1990 e no segundo semestre de 1991. Em um único dia do mês de setembro deste ano, o câmbio foi desvalorizado em 17% (Zini, 1993, p. 31).

Vale ressaltar que neste período houve uma grande crise de liquidez no mercado, devido ao bloqueio dos cruzados.

O governo Collor consegue cessar uma inflação explosiva, que já alcançava 80% em março de 1990.

3.3 . Ascensão Inflacionária e Apreciação Cambial.

Em outubro de 1991, após uma minidesvalorização da taxa de câmbio, em 14,1%, o governo adota uma política cambial que vem á estimular o setor exportador, acompanhada por uma política de altos juros, atraindo a entrada de capitais estrangeiros. A ascensão inflacionária é uma das características desta fase.

Nas primeiras semanas de outubro, o ritmo das desvalorizações diárias do câmbio não acompanhou a inflação, o que levou o governo a acelerar o processo de desvalorização cambial, e elevar a taxa de juros. Em junho de 1994 a inflação estava em 50%.

3.4. Bandas Cambiais

Em 06/03/95, foi formalizado pelo governo, o sistema de faixas cambiais de flutuação, que ficaram conhecidas por Bandas Cambiais. Esse sistema estabelecia uma taxa mínima e outra máxima para as operações de câmbio. Desde o início do Plano Real, em julho de 1994, as Bandas Cambiais já existiam, porém de forma informal. O Plano Real veio á valorizar o real e, junto com a adoção de algumas medidas tarifárias, fez com que a balança comercial, depois de 12 anos de superávit, apresentasse em 1995, um saldo deficitário, devido a uma aceleração no crescimento das importações. Esta situação pode ser observada na tabela 3.1.

Tabela 3.1: Balança Comercial

Brasil 1990 – 1999

(em US\$ bilhões)

Contas/Anos	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999
Exportações	31,4	31,6	36,2	38,6	43,5	46,5	47,7	53,0	51,1	48,0
Importações	20,7	21,0	20,5	25,3	33,1	49,7	53,3	61,4	57,5	49,2
Resultado da Balança comercial	10,7	10,6	15,7	13,3	10,4	-3,2	-5,6	-8,4	-6,4	-1,2

Fonte: Elaborada pelo autor.

O Plano Real tinha como objetivo central a estabilidade do nível de preços. Assentou-se na desindexação parcial dos salários, congelamento das tarifas públicas especificação das metas monetárias, aceleração da abertura comercial e na definição de uma paridade de R\$ 1 = US\$ 1. Neste período o câmbio flutuou livremente, até que em setembro e outubro o mercado apresentou-se instável, obrigando o governo a intervir.

Os movimentos especulativos que ocorreram, em decorrência do excesso de liquidez do mercado, levaram o governo a intervir no sentido de sustentar uma taxa cambial em torno de R\$ 0,85.

A partir do início da formalização das faixas cambiais, estabeleceu-se um limite inferior de R\$ 0,86 e um superior de R\$ 0,90 por dólar. Periodicamente, estes valores foram sofrendo alterações. Em janeiro de 1999, último mês do regime de bandas, foram fixadas entre R\$ 1,20 e R\$ 1,32. No quadro 2, pode-se observar a evolução das bandas cambiais impostas pelo governo.

Tabela 3.2: Mudanças nas Bandas

Data	Limite Inferior	Limite Superior	Normativo	Correção do Piso (%)	Correção do Teto (%)
1995/Mar06	0,86	0,90	Comunicado n° 4.479	-	-
1995/Mar10	0,88	0,93	Comunicado n° 4.492	2,33	3,33
1995/Jun22	0,91	0,99	Comunicado n° 4.645	3,41	6,45
1996/Jan30	0,97	1,06	Comunicado n° 4.987	6,59	7,07
1997/Fev18	1,05	1,14	Comunicado n° 5.505	8,25	7,55
1998/Jan20	1,12	1,22	Comunicado n° 6.002	6,67	7,02
1999/Jan13	1,20	1,32	Comunicado n° 6.560	7,14	8,20
1999/Jan15	-	-	Comunicado n° 6.563	Suspensão do Regime	
1999/Jan18	-	-	Comunicado n° 6.565	Extinção do Regime	

Fonte: Banco Central do Brasil, 1999. Alterado pelo autor.

Por todo o período de vigência do Plano Real, a variabilidade das taxas de câmbio foram bastante reduzidas.

Para manter o câmbio oscilando dentro das faixas estabelecidas, o Banco Central intervinha, nos mercados de câmbio, tanto no de taxas livres, como no de taxas flutuantes. Uma das intenções do governo era manter a variação entre o limite máximo e mínimo da banda em 3%. Esta meta foi cumprida até o ano de 1998.

3.5. Câmbio Livre

Em 13 de janeiro de 1999, através do comunicado nº 6.560 do Banco Central do Brasil, a taxa de câmbio passa a ser orientada pela chamada Banda Diagonal, cujos limites mínimos e máximos ficaram entre R\$/US\$ 1,20 e R\$/US\$ 1,32 (ver tabela 3.2). Esta medida proporcionou o alargamento da faixa de flutuação da taxa de câmbio, que passou a ser de R\$ 0,12, podendo variar 4,76% aproximadamente, a partir do centro da *banda*, que era de R\$/US\$ 1,26.

Em virtude da desconfiança dos investidores internacionais no mercado brasileiro, esta nova medida não obteve sucesso. Houve grande número de saídas financeiras e no mesmo dia de sua implantação, a taxa de câmbio já alcançava o novo teto estabelecido, chegando a atingir valores superiores ao limite, no final deste dia.

Com o fracasso desta medida, o Banco Central em 15 de janeiro de 1999, por meio do comunicado nº 6.563, anunciou que “se absteria de operar no mercado de câmbio,” suspendendo temporariamente o regime de bandas. No dia 18 próximo, através do comunicado nº 6.565, informou que deixaria que o próprio mercado definisse a taxa de câmbio, tanto no flutuante, como no livre, podendo intervir ocasionalmente, para corrigir movimentos desordenados da taxa de câmbio.

No dia 25 deste mesmo mês, através da resolução nº 2.588, o Banco Central determina a unificação do segmento de câmbio de taxas flutuantes com o segmento de câmbio de taxas livres, que passou a vigorar a partir de 1º de fevereiro de 1999.

Com as medidas adotadas durante o ano de 1999, a desvalorização da moeda nacional, somou 48%. Considerando-se que em 3 de março deste ano, a desvalorização alcançou 79%, houve uma razoável alteração no quadro cambial.

Esta desvalorização resultou em considerável estímulo às exportações, valendo ressaltar que os índices de preços internos não sofreram este repasse.

CAPÍTULO IV

4. EXPORTAÇÕES CATARINENSES E O IMPACTO DAS POLÍTICAS CAMBIAIS.

Durante meados da década de 50, as vendas das mercadorias catarinenses para o exterior, representavam 14% do total comercializado fora do Estado.

Os principais produtos exportados eram a madeira e o carvão. A madeira chegou a representar 80% das exportações catarinenses, no início dos anos 60.

A partir de 1970, Santa Catarina passou a ser responsável por 1,4% das vendas externas do país. Neste período a madeira já não é mais o principal produto exportado. Ocorre um amplo processo de diversificação da produção industrial e, os principais produtos exportados passam a ser: têxteis, farelo de soja, carne de frango e açúcar refinado.

Este crescimento não cessa e, em 1980, este Estado já é responsável por 4,3% das exportações nacionais. Os produtos básicos e industrializados adquirem, respectivamente, uma participação de 40% e 50% dos exportáveis. Entre os principais itens exportados neste período estão farelo de soja, têxteis e carne de frango, seguidos de motocompressores para refrigeradores de uso doméstico, óleo de soja, calçados e fumo (SEDEIM, 1996, p.7).

Na década de 90, destacam-se os seguintes produtos entre os dez mais exportados: motocompressor hermético para refrigerador, pedaços e miudezas de galos/galinhas, carne de galo/galinhas inteiros, bagaços e resíduos de soja, roupas de toucador, móveis de madeira, ladrilhos de cerâmica, fumo, carnes de suínos e madeira de coníferas, (FIESC, 1999).

Com uma agricultura e um parque industrial diversificado e boa distribuição da população pelo território, a economia catarinense vem buscando agregar valores aos produtos, qualificar e desenvolver seus produtos, de forma a tornar estes cada vez mais competitivos em nível nacional e internacional, almejando sempre uma maior parcela do mercado consumidor.

Nas páginas que seguem deste, para avaliarmos o impacto da política cambial sobre as exportações catarinenses, analisaremos o desempenho de quatro produtos que

tiveram grande destaque entre os exportados durante o período de 1992 a 1999: motocompressores, pedaços e miudezas de galos/galinhas, roupas de toucador e carnes de galos/galinhas inteiros.

Os motocompressores herméticos para refrigeradores, geladeiras, motores elétricos, conexões de ferro maleável, tem presença muito expressiva no mercado internacional. Produzidos pela empresa Empresa Brasileira de Compressores S.A. Embraco, na cidade de Joinville, os motocompressores herméticos, foram responsáveis por US\$ 1.892.593.205,00 das exportações de 1992 a 1999 (ver anexo 02).

No extremo oeste catarinense, concentram-se os principais produtores de carnes de galos/galinhas inteiros ou em pedaços. A adoção de um sistema integrado, que envolve a participação da indústria, de cooperativas e do produtor organizado em pequenas propriedades agrícolas, conferem dinamicidade ao setor, com custos reduzidos.

A exportação de pedaços e miudezas de galos/galinhas, somou um montante de US\$ 1.603.695.622,00 e a produção de carne de galos/galinhas inteiros representou um saldo de US\$ 1.235.61.468,00, conforme observa-se no anexo 02.

As principais empresas produtoras destes produtos para exportação foram Sadia Concórdia S.A. Ind. Com./Sadia Trading S.A., a Perdigão Agroindustrial S.A. e a Chapecó Cia. Industrial de Alimentos.

É no vale do Itajaí, onde se concentram as principais indústrias têxteis e do vestuário do Estado, responsáveis pela fabricação de roupas de toucador entre outros, que coloca o Estado de Santa Catarina no *ranking* dos principais exportadores nacionais. Este produto, roupas de toucador, trouxe ao Estado um montante de US\$ 997.662.607,00 com suas vendas ao mercado externo. A indústria têxtil e do vestuário investe continuamente em inovações tecnológicas, incorporando máquinas, equipamentos e novos métodos de produção que trazem ganhos significativos em qualidade, produtividade e competitividade.

4.1. AVALIAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES CORRELACIONADAS COM A POLÍTICA CAMBIAL

Estudos mostram que o comércio exterior pode demorar a reagir diante de mudanças nas políticas cambiais. Em virtude desta consciência e, principalmente devido a

indisponibilidade de referências bibliográficas, iniciar-se-á a análise conforme descrição abaixo:

- Exportações totais de Santa Catarina e do Brasil, a partir do início da década de 90;
- Exportações por produtos selecionados do período de 1992 a 1999.

Estas análises serão elaboradas com base nas mudanças cambiais adotadas a partir de 1990, conforme as fases indicadas no capítulo III.

4.1.1. Análise das exportações no período de dezembro/88 a setembro/91.

Em dezembro de 1988, o governo passa a adotar políticas cambiais de liberalização do câmbio, dando continuidade a esta política no período posterior (março/90 a setembro/91), pondo fim às taxas administradas e incluindo as taxas livres. Por se tratar de fases com características semelhantes em relação as políticas governamentais adotadas, a análise será feita a partir da junção desses dois períodos.

Em 1990, as exportações de Santa Catarina somaram US\$ 1.457 milhões, fazendo com que o Estado ganhasse mais uma posição no *ranking* nacional dos exportadores, saindo do 9º para o 8º lugar, este montante representou 4,64% do total exportado pelo Brasil, que foi de US\$ 31.414 milhões.

Comparando-se o crescimento das exportações catarinenses, com o crescimento das exportações nacionais, percebe-se que este Estado, apresentou uma variação anual positiva de 1,65%, enquanto que no Brasil foi 8,63% negativa.

A balança comercial brasileira fechou o ano com um saldo superavitário de US\$ 10.990 milhões e, em Santa Catarina o fechamento foi de US\$ 1.130 milhões.

Não se pode dizer que o saldo da balança comercial é ruim, diante do ambiente econômico recessivo que vigorava, tanto no âmbito interno quanto no externo. A tendência de queda que vinha ocorrendo em nível nacional, sofreu ligeira reversão ao final do ano, refletindo as desvalorizações reais do câmbio (anexo 03), iniciadas no final de setembro, proporcionando melhores resultados em dezembro e janeiro de 91. O saldo da balança comercial nacional que em novembro de 1990 era de US\$ 463 milhões, passou para US\$ 1.087 milhões em dezembro e em janeiro do próximo ano atingiu US\$ 1.307 milhões.

Com base nos dados do anexo 01, pode-se verificar que durante os meses de janeiro a setembro de 1991, o total exportado por Santa Catarina foi de US\$ 1.121 milhões,

sendo que, neste período ocorreram algumas flutuações mais significativas nos meses de fevereiro, com uma redução nas exportações de -10,78%; em abril, com um acréscimo de 19,6% e, em setembro, com uma variação de -15,88% em relação ao mês anterior.

Em setembro, o governo acelerou as desvalorizações cambiais, pois a volta da inflação começou a influenciar negativamente os saldos da balança comercial.

A semelhança entre os dados de 90 e 91 refletem a continuação de algumas políticas governamentais, como a política cambial. Estes dois anos foram marcados pelos planos de estabilização da economia brasileira e o fraco desempenho da economia norte-americana, que absorvia cerca de 26% das exportações do Brasil em 1989.

4.1.2. Análise das exportações no período de outubro/91 a junho/94.

Nas primeiras semanas de outubro, a taxa de inflação elevou-se e, as desvalorizações diárias do câmbio não conseguiram acompanhar esse crescimento. Os exportadores acreditavam numa mididesvalorização da moeda nacional e passaram a retrair os contratos de câmbio (Conjuntura Econômica, 1992, p. 26).

O ano de 1991, fechou com um montante exportado por Santa Catarina de US\$ 1.510 milhões, este valor correspondeu a 4,77% das exportações globais do país e colocou o Estado em 8º lugar no *ranking* nacional dos exportadores. O crescimento das exportações catarinense foi de 3,60%, em relação ao anterior.

O principal país importador dos produtos catarinenses, neste ano, era os Estados Unidos, responsável por 15,43% dos produtos comercializados no exterior.

O saldo da balança comercial nacional, em 1991 foi de US\$ 10.579 milhões. As exportações somaram US\$ 31.620 milhões. Em relação ao ano anterior, o crescimento das exportações foi de 0,66%, valor bem inferior ao observado no Estado de Santa Catarina, que foi de 3,6%.

Neste ano, começa-se a observar a tendência de mudança no perfil dos produtos exportados, ocorre uma redução na exportação de produtos manufaturados e um aumento na exportação de produtos industrializados.

Em 1992, as exportações catarinenses alcançaram US\$ 1.827 milhões, ocupando a 6ª posição no *ranking* nacional dos exportadores. A balança comercial do Estado totalizou um saldo de US\$ 1.381 milhões.

As exportações brasileiras alcançaram o maior valor já registrado, desde o início da década de 80, totalizando US\$ 35.988 milhões. A balança comercial fechou com um saldo de US\$ 15.395 milhões.

O desempenho favorável das exportações pode ser explicado pelas condições recessivas do mercado doméstico e pela política cambial, que manteve os níveis da taxa de câmbio efetiva real, sob limites razoáveis.

No ano de 1993, Santa Catarina exportou US\$ 2.198 milhões, o equivalente a 5,7% do total das exportações brasileiras. O crescimento dessas exportações, em relação ao ano anterior foi de 20,3%. Este montante representou, até este ano, um recorde histórico.

De acordo com a Gerência de Apoio ao Comércio Exterior (Gazeta Mercantil, Balanço Anual de Santa Catarina, 94/95, p. 17), o percentual de crescimento do Estado foi o maior entre os dez principais exportadores do país, com crescimento quase três vezes superior ao das exportações brasileiras, que foi de 6,48%.

Este aumento das exportações, permitiu ao Estado saltar da sexta para a quinta posição no *ranking* nacional dos exportadores.

Neste ano, as exportações nacionais, totalizaram US\$ 38.555 milhões e a balança comercial fechou com um saldo superavitário de US\$ 13.349 milhões.

O saldo bastante positivo das exportações pode ser atribuído ao desempenho das empresas, na busca de qualidade e mercado alternativo; no aumento da produtividade; além do aumento da demanda pelo Mercosul e reflexos do aquecimento da economia Norte-Americana.

Observando a evolução dos índices de taxas reais de câmbio (anexo 03), verifica-se que, neste ano de 1993, houve uma tendência de queda, que veio ocorrendo desde maio de 1992 mas, deve-se admitir, que a taxa real de câmbio ainda permaneceu bastante elevada.

Apesar da valorização do câmbio e da recuperação do nível de atividade interna, as exportações se mantiveram num patamar bem elevado. Portanto, os bons resultados da balança comercial demonstram que a taxa de câmbio não constituiu maior empecilho ao comércio exterior.

Até o mês de junho de 1994, as exportações brasileiras apresentaram um total de US\$ 20.101 milhões e Santa Catarina somou um montante de US\$ 1.093 milhões.

Com os dados disponíveis a partir de 1992, já é possível fazer a correlação entre a taxa real de câmbio e as exportações dos quatro produtos selecionados, conforme segue:

- **Motocompressores:** A correlação existente entre a taxa real de câmbio e as exportações deste produto, no período janeiro/92 a junho/94, foi de $-0,61731$, ou seja, possuem correlação negativa, não muito intensa. Pode-se concluir, portanto, que a taxa real de câmbio não influenciou na decisão dos importadores deste produto. No segundo trimestre de 1992 e no primeiro trimestre de 1994, observa-se um aumento nas exportações associado a uma desvalorização cambial em relação ao trimestre anterior. No terceiro trimestre deste ano, no quarto trimestre de 1993 e no segundo trimestre de 1994, ocorre o inverso, uma redução nas exportações, relacionada a uma valorização da moeda interna. Já, no quarto trimestre 1992 e no primeiro, segundo e terceiro trimestres de 1993, pode-se observar a correlação negativa, pois, há uma valorização da moeda nacional, com um aumento nas exportações.
- **Pedaços e Miudezas de Galos/Galinhas:** Assim como os motocompressores, os pedaços e miudezas de galos/galinhas, também tiveram uma fraca correlação negativa, neste período, de $-0,5968$. O anexo 02 nos mostra a instabilidade no crescimento das vendas externas deste produto. No segundo trimestre de 1993, o crescimento chegou a ser negativo em 31,4%, voltando a crescer no trimestre seguinte, aproximadamente o mesmo percentual. Mesmo com estas oscilações, é evidente o crescimento nas exportações deste. Portanto, independente da valorização do câmbio, houve um crescimento no montante exportado deste produto. No trimestre 94/02, pode-se comprovar esta afirmação, pois, houve uma valorização do real associado a um aumento bastante significativo das exportações.
- **Roupas de Toucador:** A correlação existente entre as roupas de toucador e a taxa real de câmbio no período em análise resultou em $0,0042$. Portanto, conclui-se que as exportações deste produto responderam de forma positiva, porém fraca, as variações do câmbio. No segundo trimestre de 1992, que é o período onde verifica-se maior desvalorização da moeda interna, as exportações deste produto tiveram o segundo maior valor exportado do período em estudo. E, no trimestre 94/02, onde o câmbio está mais desvalorizado, observa-se uma redução bastante significativa das exportações, em relação ao trimestre anterior.

- Carnes de Galos/Galinhas Inteiros: A correlação deste produto com as taxas reais de câmbio resultou em $-0,2289$. Significa dizer que este produto possuiu fraca correlação negativa, entre outubro de 1991 e junho de 1994, ou seja, as variações nas taxas reais não foram responsáveis pelos aumentos nas exportações deste. Já no quarto trimestre de 1992, pode-se comprovar a resultado da correlação. As exportações aumentaram significativamente, mesmo com uma valorização da moeda nacional. O primeiro trimestre de 1993, é o período onde observa-se o maior montante exportado da década de noventa.

4.1.3. Análise das exportações no período de julho/94 a dezembro/98.

Em 1994, as exportações de Santa Catarina totalizaram US\$ 2.405 milhões, fazendo com que o Estado permanecesse na 5ª posição no *ranking* dos exportadores nacionais, este montante representou 5,52% das exportações brasileiras, que foram de US\$ 43.545 milhões.

O crescimento das exportações catarinenses apresentou uma redução na variação anual, em relação a 1993. Já as exportações brasileiras tiveram uma variação anual de quase o dobro do período anterior, fechando o ano de 1994, com um crescimento de 12,94%.

Em 1995, Santa Catarina fechou sua balança comercial com um superávit de US\$ 1.453 milhões. As exportações totalizaram US\$ 2.652 milhões, o que colocou este Estado na sexta posição do *ranking* nacional, com uma participação de 5,70% do total das exportações brasileiras.

Neste ano, a balança comercial brasileira ficou com um saldo deficitário, de US\$ 3.158 milhões, constituindo o terceiro maior saldo negativo já alcançado. As exportações nacionais foram de US\$ 46.506 milhões, representando um aumento de 6,8% em relação ao ano anterior.

O fator responsável pela performance das exportações foi a política comercial adotada pelo governo, se estas medidas não tivessem sido adotadas o déficit teria sido ainda maior.

De julho de 1995 até maio de 1996, tem-se um período relativamente calmo em relação ao setor externo, com resultados superavitários. A partir de junho de 1996, voltaram

novamente os déficits elevados, fazendo com que a balança comercial nacional fechasse o ano com um saldo deficitário de US\$ 5.554 milhões. As exportações foram de US\$ 47.747 milhões.

No ano de 1996 Santa Catarina exportou US\$ 2.637 milhões, mesmo com uma queda de 0,55% em relação ao ano anterior, voltou a ocupar a quinta posição no ranking das exportações brasileiras, 5,52% das exportações nacionais foram de Santa Catarina.

A balança comercial catarinense fechou o ano com um saldo superavitário de US\$ 1.405 milhões.

Neste ano as empresas catarinense tiveram uma preocupação maior quanto a produção.

A abertura indiscriminada das importações trouxe sérios problemas a importantes e tradicionais setores da indústria catarinense, como por exemplo, para o setor têxtil.

O principal responsável pelo saldo deficitário da balança comercial brasileira, deste ano, foi como já se falou, a abertura das importações. As empresas nacionais tiveram que se adequar às exigências do mercado internacional e aos efeitos produzidos pela política de estabilização econômica, com ênfase à questão cambial.

Na busca de tentar reverter um saldo deficitário, que mesmo antes de acabar o ano de 1996, já era previsto, o governo implantou algumas medidas de estímulo as exportações, como por exemplo, a flexibilização e a redução de custos das linhas de financiamento ao comércio exterior concedidas pelo BNDES, a criação do seguro de crédito à exportação e a desoneração do ICMS nas vendas externas de produtos primários e semi-elaborados. A intenção do governo foi boa, porém, estas medidas levam algum tempo para resultar em aumento no montante exportado.

Em 1997, a balança comercial de Santa Catarina, registrou um valor superavitário recorde até o período, de US\$ 1.711 milhões, as exportações somaram US\$ 2.806 milhões. Somente no mês de dezembro, as exportações somaram US\$ 261 milhões, acusando um crescimento de 20,58%, em relação a novembro. A participação deste Estado, no total das vendas externas brasileiras foi de 5,30%, colocando Santa Catarina na quinta posição no *ranking* nacional dos exportadores.

A boa performance das exportações catarinenses, deveu-se pela manutenção e melhoria da competitividade dos produtos e pela conquista de novos e importantes mercados.

A balança comercial brasileira apresentou, neste ano, um resultado negativo de US\$ 8.371 milhões. As exportações foram de US\$ 52.986 milhões.

Em 1998, mesmo com a queda em suas exportações, Santa Catarina, conseguiu manter-se na quinta colocação no *ranking* dos Estados exportadores, com um total de 5,09% das exportações brasileiras.

A redução das exportações foi de 7,27%, que não foram suficientes para tornar o saldo da Balança Comercial (US\$ 1.391 milhões) negativo, pois, a redução das importações foi ainda maior. O montante exportado neste ano foi de US\$ 2.602 milhões.

Pode-se dizer que a responsabilidade pela redução das exportações continuou sendo a política cambial implementada pelo governo e o temor de que o Brasil pudesse promover forte desvalorização do real, em face da crise mundial, o que teria feito com que alguns exportadores adiassem suas contratações.

Outro fator importante foi a redução na oferta de linhas externas para financiamento ao comércio exterior.

As exportações nacionais também sofreram uma redução em relação ao ano anterior, de 3,51%, totalizando US\$ 51.125 milhões. A balança comercial nacional, continuou com um saldo negativo de US\$ 6.420 milhões.

A correlação entre a taxa real de câmbio e as exportações dos quatro produtos selecionados, nesta fase, resultou em:

- Motocompressores: A correlação entre a taxa real de câmbio e as exportações de motocompressores totalizou, no período julho/94 a janeiro/99, 0,1353. O que significa dizer que houve uma fraca correlação positiva entre as variáveis. Pode-se concluir, portanto, que a taxa real de câmbio não influenciou de forma muito intensa na decisão dos importadores deste produto. Analisando o anexo 02, verifica-se que no primeiro trimestre de 1994 deste período houve um aumento bastante significativa das exportações acompanhado por uma valorização do câmbio. No primeiro trimestre de 1995, ocorre uma valorização da taxa de câmbio, com um, mais uma vez, um expressivo aumento das exportações. Assim sendo, pode-se confirmar a fraca correlação entre o comércio exterior deste produto e as variações do câmbio.
- Pedações e Miudezas de Galos/Galinhas: A correlação entre este produto e a taxa real de câmbio foi fraca e negativa, neste período. Os $-0,2042$ que resultaram da correlação,

revelam que não foi a política cambial o principal fator responsável pela variação do comércio exterior deste produto. No trimestre em que os pedaços e miudezas de galos/galinhas somaram o maior montante exportado do período, (US\$ 80.270.868,00), é o trimestre em que, houve uma redução da taxa real de câmbio, ou seja, houve uma valorização da moeda interna. Observa-se também, que no trimestre 94/03 em que houve uma valorização do real, em relação ao trimestre anterior, ocorreu um aumento nas exportações. O mesmo aconteceu nos trimestres 94/04; 95/03; no 96/02 e no 98/02.

- Roupas de Toucador: o produto roupas de toucador também apresentou uma fraca correlação negativa, de $-0,1011$. No trimestre 94/04 e 95/01, mesmo com uma valorização do real as exportações aumentaram. O mesmo ocorreu nos trimestres 95/03; 96/01 e 97/01.
- Carnes de Galos/Galinhas Inteiros: o resultado da correlação da exportação deste produto com as taxas reais de câmbio foi de $0,0875$. Significa dizer que este produto possuiu no período, uma fraca correlação positiva, ou seja, o resultado das exportações, dependeram muito pouco das políticas cambiais adotadas durante o período. No trimestre 97/04, onde verifica-se o maior montante exportado, tem-se uma desvalorização da moeda interna. Porém, em outros períodos onde verifica-se aumento das exportações, ocorrem valorizações reais do câmbio, como nos trimestres 96/02 e 97/01. Nos trimestres 96/04, 97/03, 98/01 e 98/04 há uma desvalorização do câmbio, com redução das exportações. Nos demais trimestres a correlação se deu de forma diretamente proporcional, ou seja, reduções na taxa real de câmbio com reduções nas exportações e, ou aumentos na taxa real de câmbio com aumento das exportações.

4.1.4. Análise das exportações no período de janeiro/99 a dezembro/99.

As expectativas quanto a obtenção de um saldo positivo na balança comercial catarinense, durante o ano de 1999, eram muito boas. A política cambial implantada no primeiro bimestre deste ano, deveria favorecer o comércio com o exterior. Porém, não foi o que ocorreu. Até o final de abril, as vendas caíram em relação ao mesmo período de 1998, Santa Catarina passou de quinto para sexto lugar no *ranking* dos exportadores.

O fator responsável pelo bom saldo da balança comercial acabou sendo a queda das importações, que foram superiores a das exportações. Somente de janeiro a maio, as importações sofreram uma queda de 36% (FIESC, 2000).

A responsabilidade pela não concretização das boas expectativas quanto ao aumento das exportações deve-se pelo comportamento sazonal do início do ano, onde normalmente, as exportações são menores; pela influência cambial do final do ano de 1998; restrições das linhas de crédito comercial, maiores taxas de juros para obtenção dessas linhas; menor ritmo de crescimento da economia mundial e menores preços das commodities no mercado mundial.

Mais uma vez, observa-se que mesmo com produtos mais baratos é preciso refazer todo o trabalho de conquista de espaço no exterior. A queda nos preços de produtos exportáveis não se traduz num crescimento imediato da demanda de produtos brasileiros no comércio mundial.

A correlação entre a taxa real de câmbio e as exportações dos quatro produtos selecionados, nesta fase, resultou em:

- Motocompressores: As exportações de motocompressores correlacionadas com a variação da taxa de câmbio, resultaram em $-0,5473$, o que reflete uma fraca correlação negativa entre estas variáveis. No primeiro trimestre de 1999 a moeda nacional apresentava-se desvalorizada, houve um expressivo aumento da taxa real de câmbio, em relação ao trimestre anterior e, as exportações também cresceram. No segundo trimestre, observa-se uma redução da taxa real de câmbio, mas, mesmo com esta redução, as exportações continuaram a crescer. O terceiro trimestre é marcado por uma redução das exportações, associado a uma desvalorização do real. E, mais uma vez, observa-se, que no último trimestre, mesmo com uma valorização da moeda nacional, as exportações não deixaram de crescer.
- Pedacos e Miudezas de Galos/Galinhas: A correlação das exportações deste produto com as taxas reais de câmbio, resultou em $-0,12$. O que significa dizer que houve uma fraca correlação negativa, portanto, as variações nas taxas de câmbio não foram os responsáveis pelo desempenho das exportações deste produto. No primeiro trimestre do período, mesmo com uma desvalorização do real, em relação ao trimestre anterior, as exportações sofreram queda. No segundo trimestre, ocorre o inverso, com um câmbio um pouco mais valorizado, ocorre um expressivo aumento das exportações, que não deixam de crescer.

no trimestre seguinte, mas, agora com uma desvalorização da moeda interna. No último trimestre há uma significativa redução das exportações, associada à valorização do câmbio.

- Roupas de Toucador: A correlação entre este e as taxas reais de câmbio resultou em uma fraca correlação positiva (0,3600). No primeiro trimestre há um aumento das exportações em relação ao período anterior acompanhado de uma desvalorização do câmbio. No segundo trimestre estas exportações são reduzidas e ocorre uma valorização do câmbio. Já no terceiro trimestre a relação variação cambial/exportação não ocorre na mesma proporção, as exportações diminuem e o câmbio desvaloriza. No último trimestre, a correlação também não ocorre de forma diretamente proporcional, pois houve uma redução da taxa real de câmbio associada à aumentos das exportações.
- Carnes de Galos/Galinhas Inteiros: O resultado da correlação das exportações deste produto com as taxas reais de câmbio foi de 0,05, ou seja, fraquíssima correlação positiva, entre ambos. Analisando o primeiro e o segundo trimestre deste período, percebe-se a não dependência do comércio exterior deste, à taxa real de câmbio. No primeiro trimestre, houve uma desvalorização do câmbio nacional, em relação ao trimestre anterior, associado a uma redução das exportações e, no segundo trimestre ocorreu uma valorização, acompanhado de um aumento nas exportações. Já nos dois últimos trimestres, a correlação se confirma de forma proporcional. Ocorre um aumento das exportações, com aumento da taxa real de câmbio (terceiro trimestre) e uma redução das exportações, com uma redução da taxa real de câmbio (quarto trimestre).

Ao finalizar este capítulo, pode-se confirmar, que são diversas as variáveis que influenciam as exportações. Sendo que, a variação cambial, nos produtos selecionados, não representou grande relevância.

As empresas exportadoras de motocompressores, de pedaços e miudezas de galos/galinhas e roupas de toucador, caracterizam-se por produzirem com maior valor agregado e por diferenciação dos seus produtos, e as carnes de galos/galinhas inteiros são considerados commodity, tendo seu valor determinado no mercado internacional.

Entre outros fatores que influenciaram a compra, por parte de importadores, dos produtos catarinenses na década de 90, pode-se destacar, o ambiente econômico recessivo interno e externo, que vigorou no início dos anos 90; a expectativa dos exportadores quanto a possíveis desvalorizações excessivas no câmbio em 1991; pela recessão interna (1992/1993), que fez com que os exportadores buscassem novos mercados e melhorassem a qualidade de seus produtos e pelas políticas comerciais adotadas pelo governo.

CAPÍTULO V

5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

5.1. CONCLUSÕES

A aquisição de mercadorias, sempre foi e será uma das formas com que a humanidade busca satisfazer seus anseios e vontades. Com a dificuldade de aquisição destas, em épocas antigas, surgiu a necessidade de expansão dos mercados, a partir de então, inicializa-se a formação de um comércio internacional.

As sociedades, buscaram em outros países, mercadorias que não produziam a fim de comprar ou trocar pelos produtos produzidos internamente. A produção, foi sendo cada vez mais aprimorada, visando o aqodamento da troca, a fim de auferir maiores lucros; como precaução à oscilações no interno e a fim de gerar divisas para comprar os produtos que não são produzidos internamente.

No final dos anos 80, e início da década de 90, o Brasil, começa a passar por um processo de abertura comercial, e mudanças nas políticas cambiais. O Banco Central gradativamente, vai deixando de intervir no mercado de câmbio.

Neste período existe uma desvalorização da moeda, associada a aceleração da inflação. Numa segunda fase, a partir de março de 1990, prevalece o mercado de taxas flutuantes, mercado de taxas livres e o mercado paralelo. Entre os meses de outubro a dezembro de 1990 e no segundo semestre de 1991, ocorre uma maior desvalorização da moeda nacional. O governo passa adotar medidas de estímulo as exportações e cria uma política de juros elevados como forma de atrair capitais externos.

Em março de 1995, o governo passa a adotar o sistema de bandas cambiais, que na realidade já vinha funcionando informalmente desde julho de 94, com o início do Plano Real.

O Estado de Santa Catarina, apesar das oscilações cambiais, durante a década de 1990, esteve presente nas exportações brasileiras, com excelente desempenho, estando sempre nas posições iniciais do *ranking*.

Santa Catarina, soube acompanhar e observar como estava ocorrendo todo o processo de globalização mundial, com o acirramento da competitividade, com as fusões de grandes empresas, com a entrada de indústrias estrangeiras no país, e canalizou investimentos em pesquisa e desenvolvimento, e ciência e tecnologia, a fim de aumentar sua produtividade, e ter produtos de qualidade. Buscou parcerias, fornecedores de matérias-primas e procurou novos canais de distribuição para suas mercadorias, também como uma forma de aumentar seus rendimentos.

Procedendo-se a correlação entre a taxa real de câmbio e as exportações dos motocompressores, dos pedaços e miudezas de galos/galinhas, das roupas de toucador e das carnes de galos/galinhas inteiros, pode-se observar que as exportações destes produtos não sofrem grandes influência em decorrência da variação da taxa real de câmbio. O que pode ser explicado por se tratarem de produtos diferenciados e com maior valor agregado, como é o caso dos motocompressores, pedaços e miudezas de galos/galinhas e roupas de toucador e, por tratar-se de commodity, como é o caso do produto carnes de galos/galinhas inteiros.

De acordo com os períodos em estudo – outubro/91 a junho/94, julho/94 a dezembro/89 e janeiro/99 a dezembro/99 – obteve-se respectivamente os seguintes resultados, quanto as correlações entre a exportação dos motocompressores e a taxa real de câmbio: -0,6173, 0,1353, -0,5473; a correlação dos pedaços e miudezas de galos/galinhas foi de: -0,5967, -0,2041, -0,12; a de roupas de toucador: 0,0041, -0,1011, 0,3600 e a correlação das carnes de galos/galinhas inteiros resultou em: -0,2289, 0,0874, 0,0500.

Entre outros fatores que influenciaram as exportações destes produtos durante a década de 90, destacam-se o ambiente econômico recessivo interno e externo; a instabilidade econômica, que afetou a expectativa dos exportadores e importadores; a recessão interna que ocorreu em 1992/1993, que fez com que os exportadores buscassem novos mercados e aprimorassem seus produtos para torná-los atrativos e pelas políticas comerciais adotadas pelo governo.

Em fim, pode-se concluir que a taxa real de câmbio é somente uma entre tantas outras variáveis que afetam o comércio internacional. E, que o empresário deve buscar ao máximo, qualificar seus produtos e reduzir preços, para atrair o importador e não sofrer com as instabilidades nas políticas econômicas e crises nos mercados internos e externos.

5.2. RECOMENDAÇÕES

Pode-se recomendar para trabalhos futuros, a análise de outras variáveis, que possam causar impactos nas exportações, ou, o estudo de outros produtos exportados - preferencialmente produtos com menor valor agregado, ou menos diferenciados -, para comparar o comportamento das exportações destes, com os estudados neste trabalho e, verificar se sofrem maior influência das taxas reais de câmbio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO Jr., José T. *Mudanças tecnológicas e competitividade das exportações brasileiras de manufaturados*. In: Encontro Nacional de Economia, 10., Rio de Janeiro, 1982. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPEC, 1982. v.2.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. *Análise do mercado de câmbio*. 1º Trimestre de 1999. Diretoria de Assuntos Internacionais/Departamento de Câmbio. Brasília, 1999. Disponível na Internet. <http://www.bcb.gov.br>. 10/07/00.
- COUTINHO, Luciano, FERRAZ, João C. *Estudo da competitividade da indústria brasileira*. 2.ed. São Paulo: Papirus/UNICAMP, 1994. p.19.
- COUTINHO, Luciano, FERRAZ, João C. *Estudo da competitividade da indústria brasileira: condicionantes macroeconômicos da competitividade*. Campinas: UNICAMP, 1993.
- DIEESE. *Anuário dos Trabalhadores de Santa Catarina*. Florianópolis, 1998-2000.
- DORNBUSCH, Rudiger, FISHER, Stanley. *Macroeconomia*. 2.ed. São Paulo: Makron, McGraw-Hill, 1991. p.202-213-252.
- ECONOMAGIC.COM:ECONOMIC TIME SERIES PAGE. Disponível na internet. www.economagic.com. 25 jun.2000.
- ELLSWORTH, Paul Theodor, *Economia internacional, teoria e prática, desde o mercantilismo até a formação do mercado comum europeu*. 1ª ed. São Paulo: Atlas, 1968, p. 68-74-91-111.

FIESC. Disponível na internet. www.fiescnet.com.br. 1999/2000

GARCIA, Maria Paula de B. Godoy. *Análise da competitividade das exportações no setor de revestimentos cerâmicos: o caso da Portobello*. Florianópolis: UFSC, 1996. 63p.

GONÇALVES, Reinaldo, et all. *A nova economia internacional: uma perspectiva Brasileira*. 1.ed. Rio de Janeiro: Campos, 1998. p. 12-15-16.

GUIDOLIN, Benedito. *Economia e Comércio Internacional ao Alcance de Todos*. São Paulo: Aduaneiras, 1991. p. 91.

IPEA. Disponível na internet. www.ipeadata.gov.br. 18 jun.2000

IPEA. Disponível na internet. www.ipeadata.gov.br. 23 jun.2000

KRUGMAN, P.R., OBSTFELD, M. *International Economics: Theory and Policy*. 2 ed., Nova York: Harper Collins Publishers, 1991. P.93

LABATUT, Ênio Neves. *Política de Comércio Exterior*. 1. ed. São Paulo: Aduaneiras, 1994. 495p.

LEMOS, Alexandre. *Determinantes das exportações catarinenses por setores selecionados*. Florianópolis: UFSC, 1999. 64p.

MAIA, Jayme M. *Economia internacional e comércio exterior*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1995.

MANKIW, G. *Macroeconomia*. Rio de Janeiro: LCT, 1995.

MELLO, Isabel Parente. Câmbio: correção necessária. *Conjuntura Econômica*, Rio de Janeiro, p.24, mar. 1996.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO INDÚSTRIA E COMÉRCIO. Secretaria de Comércio Exterior. Departamento de Operações de Comércio Exterior. Disponível na internet. www.mict.gov.br

MOLLO, Maria de Lourdes Rollemberg, SILVA, Maria Luiza Falcão. *Est. Econ.*, São Paulo, v.29, n.2, p.189-227, abr./jun/1999.

RATTI, Bruno. *Comércio internacional e câmbio*. 9º ed. São Paulo: Aduaneiras, 1997. p. 278.

RATTI, Bruno. *Comércio internacional e câmbio*. 8ª ed. São Paulo: Aduaneiras, 1994, p. 313-331.

REVISTA CONJUNTURA ECONÔMICA. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas (vários números), 1990-2000.

SANDRONI, Paulo. *Dicionário de economia*. 6.ed. São Paulo: Best Seller, 1989. p.117-142-149

SANTA CATARINA EM DADOS. *Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina*. Setor Econômico-Estatístico. Florianópolis: FIESC, 1991-1998, v. 3-10.

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E INTEGRAÇÃO AO MERCOSUL. *Balança Comercial de Santa Catarina, Florianópolis*, vários números.

ZINI JÚNIOR, Álvaro Antônio. *Taxa de Câmbio e Política Cambial no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Bolsa de Mercadorias & Futuros, 1993. p. 31.

ANEXOS

ANEXO 01 - Exportações de Santa Catarina e do Brasil

Mês/Ano	Exportações Brasil				Exportações Santa Catarina							
	Em Milhões US\$		Variação		Balança Comercial		*Variação		Participação nas		Posição com os demais Estados	Balança Comercial Anual US\$ (milhões)
	(Fob)		Mensal %	Annual %	US\$ (milhões)		Mensal %	Annual %	Export. Brasil %			
Jan/90	2.280		-17,72		503							
Fev/90	1.974		-13,42		667							
MAR/90	2.232		13,07		657							
Abr/90	2.558		14,61		1.177							
Mai/90	3.232		26,35		1.687							
Jun/90	2.510		-22,34		1.117							
Jul/90	3.082		22,79		1.486							
Ago/90	3.062		-0,65		967							
Set/90	2.592		-15,35		766							
Out/90	2.333		-9,99		413							
Nov/90	2.665		14,23		463							
Dez/90	2.894		8,59		1.087							
Total 1990	31.414			-8,63	10.990			1,65		4,64	8°	1.130
Jan/91	2.929		1,21		1.307							
Fev/91	2.270		-22,50		1.025					-10,78		
Mar/91	2.612		15,07		1.149					12,51		
Abr/91	3.024		15,77		1.405					19,60		
Mai/91	2.912		-3,70		1.334					12,26		
Jun/91	2.812		-3,43		973					-4,74		
Jul/91	2.561		-8,93		772					-8,69		
Ago/91	2.805		9,53		652					12,59		
Set/91	2.070		-26,20		398					-15,88		
Out/91	2.656		28,31		407					9,79		
Nov/91	2.458		-7,45		452					2,96		
Dez/91	2.511		2,16		705					-11,63		
Total 1991	31.620		-0,18	0,66	10.579			3,60		4,77	8°	1.142
Jan/92	2.569		2,31		907					-6,31		
Fev/92	2.389		-7,01		860					-40,36		
Mar/92	2.898		21,31		1.435					104,51		
Abr/92	2.741		-5,42		1.236					21,82		
Mai/92	2.940		7,26		1.375					64,70		

(continua)

ANEXO 01 - Exportações de Santa Catarina e do Brasil (continuação)

Mês/Ano	Exportações Brasil				Exportações Santa Catarina							
	Em Milhões US\$		Variação		Balança Comercial		*Variação		Participação nas		Posição com os	
	(Fob)	Mensal %	Annual %	US\$ (milhões)	(Fob)	Mensal %	Annual %	Export. Brasil %	demais Estados	Balança Comercial	Annual	
Jun/92	2.958	0,61		1.302	168	-39,13						
Jul/92	3.441	16,33		1.500	131	-21,73						
Ago/92	3.031	-11,92		1.395	117	-10,96						
Set/92	3.021	-0,33		1.380	143	21,97						
Out/92	3.219	6,55		1.221	112	-21,82						
Nov/92	3.281	1,93		1.497	213	90,99						
Dez/92	3.500	6,67		1.287	182	-14,68						
Total 1992	35.988		13,20	15.395	1.827		21,02	5,05	6°		1.381	
Jan/93	2.813	-19,63		1.044								
Fev/93	2.890	2,74		1.498								
Mar/93	3.509	21,42		1.566								
Abr/93	3.028	-13,71		858								
Mai/93	2.884	-4,76		1.345								
Jun/93	3.238	12,27		1.017								
Jul/93	3.423	5,71		614								
Ago/93	3.503	2,34		1.128								
Set/93	3.446	-1,63		1.215								
Out/93	3.240	-5,98		1.079								
Nov/93	3.171	-2,13		1.131								
Dez/93	3.410	7,54		854								
Total 1993	38.555		6,48	13.349	2.198		20,30	5,70	5°		1.707	
Jan/94	2.747	-19,44		978	138							
Fev/94	2.778	1,13		748	152	9,86						
Mar/94	3.351	20,63		1.102	211	38,59						
Abr/94	3.635	8,48		1.483	178	-15,44						
Mai/94	3.862	6,24		1.237	205	15,21						
Jun/94	3.728	-3,47		1.229	209	1,65						
Jul/94	3.738	0,27		1.224	213	2,10						
Ago/94	4.282	14,55		1.506	218	2,44						
Set/94	4.162	-2,80		1.521	249	13,83						
Out/94	3.842	-7,69		657	197	-20,86						

(continua)

ANEXO 01 - Exportações de Santa Catarina e do Brasil (continuação)

Mês/Ano	Exportações Brasil				Exportações Santa Catarina				Balança Comercial Anual US\$ (milhões)		
	Em Milhões US\$		Variação		*Em Milhões US\$		Variação			Participação nas Export. Brasil %	Posição com os demais Estados
	(Fob)	Mensal %	Annual %	US\$ (milhões)	(Fob)	Mensal %	Annual %				
Nov/94	3.706	-3,54		-183	213	8,42					
Dez/94	3.714	0,22		-1.063	221	3,50					
Total 1994	43.545		12,94	10.439	2.405		9,40	5,52	5°	1.527	
Jan/95	2.980	-19,76		-305	159	-27,95					
Fev/95	2.952	-0,94		-1.095	182	14,14					
Mar/95	3.799	28,69		-936	202	11,38					
Abr/95	3.394	-10,66		-467	209	3,47					
Mai/95	4.205	23,90		-690	227	8,32					
Jun/95	4.119	-2,05		-775	235	3,59					
Jul/95	4.004	-2,79		3	232	-1,07					
Ago/95	4.558	13,84		328	267	14,78					
Set/95	4.167	-8,58		481	223	-16,37					
Out/95	4.405	5,71		334	242	8,66					
Nov/95	4.048	-8,10		15	235	-3,15					
Dez/95	3.875	-4,27		-51	240	2,38					
Total 1995	46.506		6,80	-3.158	2.652		10,29	5,70	6°	1.453	
Jan/96	3.473	-10,37		33	152	-36,57					
Fev/96	3.405	-1,96		-29	201	31,90					
Mar/96	3.408	0,09		-469	187	-6,99					
Abr/96	4.271	25,32		197	219	17,02					
Mai/96	4.506	5,50		269	245	12,25					
Jun/96	3.840	-14,78		-327	195	-20,59					
Jul/96	4.459	16,12		-334	266	36,67					
Ago/96	4.381	-1,75		-291	230	-13,82					
Set/96	4.115	-6,07		-655	249	8,28					
Out/96	4.188	1,77		-1.308	244	-1,67					
Nov/96	3.912	-6,59		-853	228	-6,92					
Dez/96	3.789	-3,14		-1.787	221	-2,70					
Total 1996	47.747		2,67	-5.554	2.637		-0,55	5,52	5°	1.405	
Jan/97	3.684	-2,77		-194	196	-11,36					
Fev/97	3.146	-14,60		-1.405	210	6,81					

(continua)

ANEXO 01 - Exportações de Santa Catarina e do Brasil (conclusão)

Mês/Ano	Exportações Brasil			Exportações Santa Catarina						Posição com os demais Estados	Balança Comercial Anual (milhões) US\$
	Em Milhões US\$ (Fob)	Varição Mensal %	Varição Anual %	Balança Comercial US\$ (milhões)	*Em Milhões US\$ (Fob)	*Variação Mensal %	Variação Anual %	Participação nas Export. Brasil %			
Mar/97	3.826	21,61		-877	197	-5,97					
Abr/97	4.629	20,99		-832	238	20,89					
Mai/97	4.658	0,63		-100	217	-9,01					
Jun/97	4.843	3,97		-346	253	16,47					
Jul/97	5.238	8,16		-710	259	2,46					
Ago/97	5.073	-3,15		-248	240	-7,41					
Set/97	4.588	-9,56		-1.072	253	5,77					
Out/97	4.793	4,47		-763	266	4,78					
Nov/97	3.974	-17,09		-1.115	217	-18,40					
Dez/97	4.534	14,09		-709	261	20,58					
Total 1997	52.986		10,97	-8.371	2.806		6,39	5,30	5º	1.711	
Jan/98	3.914	-13,67		-664	166	-36,56					
Fev/98	3.715	-5,08		-85	226	36,13					
Mar/98	4.273	15,02		-764	247	9,38					
Abr/98	4.576	7,09		-228	243	-1,62					
Mai/98	4.609	0,72		-304	205	-15,39					
Jun/98	4.886	6,01		42	234	13,76					
Jul/98	4.970	1,72		-359	251	7,28					
Ago/98	3.985	-19,82		-645	187	-25,31					
Set/98	4.537	13,85		-800	230	22,96					
Out/98	4.014	-11,53		-1.023	201	-12,81					
Nov/98	3.702	-7,77		-994	193	-3,86					
Dez/98	3.944	6,54		-596	220	14,04					
Total 1998	51.125		-3,51	-6.420	2.602		-7,27	5,09	5º	1.391	
Jan/99	2.949	-25,23		-700	137	-37,91					
Fev/99	3.267	10,78		103	188	37,67					
Mar/99	3.829	17,20		-224	220	16,86					
Abr/99	3.707	-3,19		30	203	-7,68					
Mai/99	4.386	18,32		312	213	4,94					
Jun/99	4.313	-1,66		-144	219	2,82					
Jul/99	4.117	-4,54		94	220	0,48					
Ago/99	4.277	3,89		-181	230	4,71					
Set/99	4.187	-2,10		-67	234	1,68					
Out/99	4.304	2,79		-154	244	4,36					
Nov/99	4.002	-7,02		-529	205	-16,16					
Dez/99	4.673	16,77		249	254	23,82					
Total 1999	48.011		6,09	-1.211	2.567		-1,32	5,34	6º	1.686	

* Dados não disponíveis em 1990 e 1993

Fonte: IPEA. Disponível na internet. www.ipeadata.gov.br. 18 Jun. 2000

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E INTEGRAÇÃO AO MERCOSUL. Balança Comercial de Santa Catarina, Florianópolis, vários números.

ANEXO 02 - Exportações Catarinenses Trimestrais/Valor em US\$-FOB

Ano/ Trimestre	Motocompressores (NCM 8414.30.11)	Pedaços e Miudezas de Galos/Galinhas (NCM0207.14.00)	Roupas de Toucador (NCM 6302.60.00)	Carnes de Galos/Galinhas Inteiros (NCM 0207.12.00)
92/01	45.353.896,00	21.321.435,00	23.773.105,00	23.823.056,00
92/02	51.012.582,00	31.971.065,00	35.886.021,00	35.067.934,00
92/03	43.801.528,00	30.543.912,00	21.417.363,00	31.264.523,00
92/04	43.938.731,00	26.470.693,00	27.844.089,00	41.372.217,00
93/01	50.005.863,00	33.473.153,00	46.851.268,00	62.372.621,00
93/02	52.098.294,00	22.949.407,00	27.700.285,00	35.415.206,00
93/03	57.368.491,00	33.428.202,00	24.758.654,00	37.031.702,00
93/04	52.470.548,00	33.046.979,00	33.237.106,00	43.237.533,00
94/01	52.552.595,00	33.706.167,00	34.545.475,00	38.580.776,00
94/02	51.845.198,00	43.631.942,00	27.091.722,00	39.758.247,00
94/03	60.283.670,00	50.081.264,00	25.698.884,00	38.334.857,00
94/04	51.888.471,00	54.953.674,00	31.477.943,00	35.784.653,00
95/01	61.346.381,00	42.334.671,00	34.136.592,00	31.522.420,00
95/02	62.825.257,00	54.928.556,00	28.008.910,00	34.456.404,00
95/03	69.941.163,00	64.405.424,00	28.598.732,00	28.070.981,00
95/04	68.916.839,00	55.174.926,00	34.731.588,00	30.392.557,00
96/01	51.318.373,00	54.639.852,00	38.599.712,00	27.850.047,00
96/02	65.962.657,00	69.375.887,00	29.451.496,00	41.930.398,00
96/03	49.857.546,00	80.270.868,00	26.127.478,00	38.760.975,00
96/04	54.533.500,00	71.615.176,00	32.427.132,00	38.204.107,00
97/01	46.127.621,00	56.333.162,00	40.164.765,00	54.911.009,00
97/02	67.905.045,00	69.010.408,00	29.339.777,00	56.106.727,00
97/03	67.833.547,00	66.905.372,00	29.171.824,00	47.174.020,00
97/04	72.431.845,00	53.900.223,00	38.654.998,00	60.138.024,00
98/01	62.951.615,00	43.210.742,00	39.581.788,00	40.458.512,00
98/02	81.577.642,00	51.908.514,00	17.403.008,00	35.564.729,00
98/03	71.393.603,00	56.017.499,00	26.503.534,00	36.430.804,00
98/04	60.180.054,00	56.795.505,00	34.015.423,00	34.304.034,00
99/01	64.189.657,00	47.708.283,00	38.759.658,00	24.366.029,00
99/02	67.111.345,00	65.112.915,00	26.643.322,00	34.619.039,00
99/03	64.001.859,00	75.577.252,00	26.009.276,00	46.507.588,00
99/04	69.513.789,00	52.892.494,00	39.051.679,00	31.799.739,00

Fonte: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO INDÚSTRIA E COMÉRCIO. Secretaria de Comércio Exterior. Departamento de Operações de Comércio Exterior. 03 ago. 2000.

ANEXO 03 - Cálculo da Taxa Real de Câmbio

Mês/Ano	Taxa Nominal de Câmbio	IPC-EUA Base: dez99=100	IGP-DI Base: dez99=100	Taxa Real de Câmbio
Jan-90	5,1928E-06	75,5924	0,0003	1,3085
Fev-90	8,8616E-06	75,8886	0,0005	1,3450
Mar-90	1,3742E-05	76,1848	0,0008	1,3087
Abr-90	1,7691E-05	76,4218	0,0009	1,5022
Mai-90	1,8940E-05	76,5403	0,0010	1,4497
Jun-90	2,0784E-05	77,0142	0,0011	1,4551
Jul-90	2,4238E-05	77,3697	0,0013	1,4425
Ago-90	2,6097E-05	78,0213	0,0014	1,4544
Set-90	2,7482E-05	78,5545	0,0016	1,3493
Out-90	3,4512E-05	79,0877	0,0018	1,5164
Nov-90	4,4424E-05	79,2654	0,0021	1,6768
Dez-90	5,6957E-05	79,5616	0,0025	1,8126
Jan-91	7,0130E-05	79,8578	0,0030	1,8668
Fev-91	8,0610E-05	79,9171	0,0036	1,7895
Mar-91	8,4193E-05	79,9171	0,0039	1,7252
Abr-91	9,1864E-05	80,0948	0,0042	1,7519
Mai-91	9,9328E-05	80,3910	0,0045	1,7745
Jun-91	0,00010849	80,6280	0,0049	1,7852
Jul-91	0,00011993	80,7464	0,0056	1,7293
Ago-91	0,00013522	80,9834	0,0064	1,7110
Set-91	0,00015928	81,2204	0,0075	1,7249
Out-91	0,00021299	81,3389	0,0094	1,8430
Nov-91	0,00027005	81,6943	0,0118	1,8696
Dez-91	0,00035023	81,9313	0,0144	1,9927
Jan-92	0,00043254	81,9905	0,0183	1,9379
Fev-92	0,00053623	82,1682	0,0228	1,9325
Mar-92	0,00065518	82,4645	0,0275	1,9647
Abr-92	0,00080089	82,6422	0,0326	2,0303
Mai-92	0,00095414	82,8199	0,0400	1,9755
Jun-92	0,00115107	83,0569	0,0485	1,9712
Jul-92	0,00138977	83,2938	0,0590	1,9620
Ago-92	0,00169824	83,4716	0,0741	1,9130
Set-92	0,00209713	83,6493	0,0944	1,8583
Out-92	0,00262174	84,0047	0,1179	1,8680
Nov-92	0,00328426	84,2417	0,1465	1,8885
Dez-92	0,0040747	84,3602	0,1812	1,8970
Jan-93	0,00510215	84,5972	0,2333	1,8501
Fev-93	0,00660045	84,8341	0,2951	1,8975
Mar-93	0,00819563	84,9526	0,3772	1,8458
Abr-93	0,01036689	85,2488	0,4836	1,8275
Mai-93	0,01345905	85,4858	0,6397	1,7986

(continua)

ANEXO 03 - Cálculo da Taxa Real de Câmbio (continuação)

Mês/Ano	Taxa Nominal de Câmbio	IPC-EUA Base: dez99=100	IGP-DI Base: dez99=100	Taxa Real de Câmbio
Jun-93	0,0175	85,5450	0,8362	1,7903
Jul-93	0,0229	85,6635	1,1034	1,7779
Ago-93	0,0302	85,8412	1,4734	1,7595
Set-93	0,0403	85,9597	2,0184	1,7163
Out-93	0,0552	86,3152	2,7277	1,7467
Nov-93	0,0749	86,4929	3,7358	1,7341
Dez-93	0,1015	86,7299	5,0890	1,7298
Jan-94	0,1423	86,7299	7,2360	1,7056
Fev-94	0,2023	86,9668	10,3048	1,7073
Mar-94	0,2823	87,2038	14,9244	1,6495
Abr-94	0,4014	87,2630	21,2613	1,6475
Mai-94	0,5780	87,4408	29,9678	1,6865
Jun-94	0,8284	87,6777	43,9268	1,6535
Jul-94	0,9310	87,9739	54,7811	1,4951
Ago-94	0,8980	88,3294	56,6101	1,4012
Set-94	0,8660	88,5071	57,4870	1,3333
Out-94	0,8450	88,5664	58,9554	1,2694
Nov-94	0,8420	88,8033	60,4143	1,2377
Dez-94	0,8500	88,9810	60,7568	1,2449
Jan-95	0,8470	89,2180	61,5833	1,2271
Fev-95	0,8410	89,4550	62,2932	1,2077
Mar-95	0,8900	89,6327	63,4231	1,2578
Abr-95	0,9070	89,9882	64,8831	1,2579
Mai-95	0,8980	90,1659	65,1418	1,2430
Jun-95	0,9140	90,3436	66,8508	1,2352
Jul-95	0,9290	90,4621	68,3470	1,2296
Ago-95	0,9420	90,6398	69,2279	1,2334
Set-95	0,9530	90,7583	68,4795	1,2630
Out-95	0,9597	91,0545	68,6346	1,2732
Nov-95	0,9632	91,1137	69,5455	1,2619
Dez-95	0,9685	91,2915	69,7363	1,2679
Jan-96	0,9745	91,6469	70,9873	1,2581
Fev-96	0,9812	91,8839	71,5285	1,2604
Mar-96	0,9861	92,2393	71,6836	1,2689
Abr-96	0,9901	92,5355	72,1829	1,2693
Mai-96	0,9951	92,7725	73,3978	1,2578
Jun-96	1,0013	92,8910	74,2951	1,2519
Jul-96	1,0070	93,1280	75,1069	1,2486
Ago-96	1,0134	93,1872	75,1097	1,2573
Set-96	1,0194	93,4834	75,2059	1,2671
Out-96	1,0251	93,7796	75,3712	1,2755
Nov-96	1,0303	94,0166	75,5841	1,2816
Dez-96	1,0374	94,2536	76,2475	1,2824
Jan-97	1,0427	94,4313	77,4505	1,2713
Fev-97	1,0489	94,6682	77,7766	1,2767
Mar-97	1,0570	94,7867	78,6823	1,2733

(continua)

ANEXO 03 - Cálculo da Taxa Real de Câmbio (conclusão)

Mês/Ano	Taxa Nominal de Câmbio	IPC-EUA Base: dez99=100	IGP-DI Base: dez99=100	Taxa Real de Câmbio
Abr-97	1,0611	94,8460	79,1448	1,2716
Mai-97	1,0683	94,8460	79,3837	1,2764
Jun-97	1,0746	95,0237	79,9374	1,2774
Jul-97	1,0807	95,1422	80,007	1,2851
Ago-97	1,0880	95,2607	79,9719	1,2960
Set-97	1,0937	95,5569	80,4435	1,2992
Out-97	1,1000	95,7346	80,7186	1,3046
Nov-97	1,1072	95,7938	81,3889	1,3032
Dez-97	1,1138	95,8531	81,9516	1,3027
Jan-98	1,1198	95,9716	82,6722	1,2999
Fev-98	1,1274	96,0308	82,6886	1,3093
Mar-98	1,1338	96,0900	82,8817	1,3145
Abr-98	1,1411	96,2678	82,7702	1,3272
Mai-98	1,1480	96,4455	92,9587	1,1911
Jun-98	1,1547	96,5640	83,1891	1,3403
Jul-98	1,1615	96,7417	82,876	1,3558
Ago-98	1,1717	96,8602	82,7322	1,3718
Set-98	1,1809	96,9194	82,7135	1,3837
Out-98	1,1885	97,0972	82,6864	1,3956
Nov-98	1,1941	97,2749	82,5358	1,4073
Dez-98	1,2054	97,3934	83,3476	1,4085
Jan-99	1,5019	97,5711	84,3043	1,7383
Fev-99	1,9137	97,6303	88,0445	2,1221
Mar-99	1,8968	97,8081	89,7836	2,0663
Abr-99	1,6941	98,4597	89,8102	1,8573
Mai-99	1,6835	98,4597	89,5005	1,8520
Jun-99	1,7654	98,4597	90,4125	1,9225
Jul-99	1,8003	98,7559	91,8515	1,9356
Ago-99	1,8808	99,0521	93,1870	1,9992
Set-99	1,8981	99,4076	94,5547	1,9955
Out-99	1,9695	99,5853	96,3402	2,0358
Nov-99	1,9299	99,7630	98,7823	1,9491
Dez-99	1,8428	100,0000	100,0000	1,8428

Fonte: IPEA. Disponível na internet. www.ipeadata.gov.br. 23 jun. 2000.

ECONOMAGIC.COM: ECONOMIC TIME SERIES PAGE. Disponível na internet. www.economagic.com.
25 jun. 2000.

ANEXO 04 - Taxa Real de Câmbio - Trimestral

Ano / Trimestre	Taxa Real de Câmbio
92/01	5,8351
92/02	5,9770
92/03	5,7333
92/04	5,6535
93/01	5,5934
93/02	5,4164
93/03	5,2537
93/04	5,2106
94/01	5,0624
94/02	4,9875
94/03	4,2296
94/04	3,7520
95/01	3,6926
95/02	3,7361
95/03	3,7260
95/04	3,8030
96/01	3,7874
96/02	3,7790
96/03	3,7730
96/04	3,8395
97/01	3,8213
97/02	3,8254
97/03	3,8803
97/04	3,9105
98/01	3,9237
98/02	3,8586
98/03	4,1113
98/04	4,2114
99/01	5,9267
99/02	5,6318
99/03	5,9303
99/04	5,8277

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do anexo 03.